

CAMINHOS DE SANTIAGO

Pedro Vaz Patto

São cada vez mais as pessoas que percorrem os caminhos de Santiago. Pessoas de todas as proveniências, idades e condições sociais. Em 2017, foi atingido o número mais elevado de que há memória, superior a trezentos mil. Entre elas, muitos portugueses. Vou sabendo de muitos destes, como alguns meus colegas de profissão.

As motivações que guiam essas pessoas são muito diversificadas. Há quem seja atraído pelo interesse histórico e cultural, pela identificação com as gerações europeias que nos precederam e que fizeram esse percurso durante séculos. Há quem queira desfrutar uma experiência única de contacto com a natureza e de contemplação da beleza da paisagem. Há quem enfrente o desafio da superação dos seus limites físicos e do habitual comodismo.

E muitos são os que, para além dessas dimensões, encontram nos caminhos de Santiago a ocasião de uma, mais ou menos intensa, busca espiritual. Uma busca espiritual nem sempre caracteristicamente cristã. O arcebispo de Santiago de Compostela já

várias vezes falou da exigência de "cristianizar" o Caminho, para o reconduzir ao sentido que o marca como verdadeira peregrinação desde a sua origem.

Sobre o sentido dessa busca e dessa peregrinação, escreveu D. Eugenio Romero Pose, que foi bispo auxiliar de Madrid (em *Raíces cristianas de Europa – Del camino de Santiago a Benedicto XVI*, San Pablo, Madrid, 2006):

«O homem de todos os tempos, e não apenas o homem medieval, considerou sempre o Caminho como símbolo primordial. O Caminho – deslocar-se, peregrinar – na sua dimensão física elevava-se a categoria e referência antropológica, que evocava ao ser humano a sua própria realidade existencial: homo viator, escreveu G. Marcel. O Caminho e o ato de caminhar desenvolve o que o homem é, indissociavelmente unido à sua história. A pessoa sente necessidade de superar os seus limites, de sair de si mesma e, saindo, ir mais além do que já possui, e, vendo mais além, saborear o encontro, o intercâmbio.

O êxito do Caminho como símbo-

lo e parábola da existência não é mais do que uma expressão tematizada do ser humano como ser peregrinante, homo viator, em direcção a Alguém e Algo que lhe pode conferir um sentido absoluto. Esta tematização alcança o seu significado último no âmbito religioso, lugar privilegiado para a compreensão do símbolo como realidade».

Será este surpreendente e renovado interesse pelos caminhos de Santiago um verdadeiro "sinal dos tempos"?

As motivações de quem percorre esses caminhos são muito diversificadas, mas nelas podemos colher algo de comum. Os próprios caminhos são diferentes, mas dirigem-se a uma mesma meta. Através do exercício físico, da natureza e da cultura, a pessoa busca sempre algo mais, ao caminhar em direcção a Algo que a supera e a transcende. Uma busca que exige esforço e sacrifício. Uns sabem que buscam o Deus-Amor revelado em Jesus Cristo, que São Tiago terá vindo anunciar à Península Ibérica. Outros não O conhecem, nem O encontraram, mas também O buscam sem saber... ●